

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VINÍCIUS BERTOLO SILVA

OS ESCOTEIROS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA BRITÂNICA EM
TEMPOS DE PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

BRASÍLIA

2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VINÍCIUS BERTOLO SILVA

OS ESCOTEIROS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA BRITÂNICA EM
TEMPOS DE PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura em HISTÓRIA.

Orientador (a): Prof. Dr. Bruno Leal

BRASÍLIA

2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer principalmente à minha família pelo apoio que sempre estiveram dispostos a prestar. Agradecer aos meus pais por me sustentarem e viabilizarem uma educação de qualidade que me permitiu chegar aonde estou. Às minhas irmãs pela companhia e alegria ao longo dos anos.

Também presto meus agradecimentos à Universidade de Brasília por fornecer uma educação de qualidade ao longo da minha estadia, mesmo com as dificuldades advindas da pandemia de COVID-19. Foi graças à atuação de alguns professores que minha paixão pela história se aprofundou e fortaleci minha dedicação a tornar-me um professor.

Reconheço também o apoio prestado pelos meus amigos, os quais sempre se mostravam interessados no meu tema e me ajudaram a manter meu foco nos momentos de cansaço. Sem o apoio constante deles, não acredito que esse trabalho viesse a ser.

Por último, mas não menos importante, agradecer a todos os membros do e ao próprio Movimento Escoteiro, que me formou como pessoa e gerou incontáveis memórias e aprendizados que levarei para o resto da minha vida. O amor que sinto pelo escotismo foi o principal motivador para este trabalho e pretendo continuar a estudar a história dessa organização tão nobre.

Resumo

O trabalho visa entender como os escoteiros britânicos participaram do homefront durante a Grande Guerra e como essa participação foi noticiada por jornais do país. Os jornais utilizados nesta pesquisa são o *Stockton Herald*, *South Durham and Cleveland Advertiser* e o *Northern Weekly Gazette*, ambos eram publicados no município de Stockton-on-Tees, no nordeste inglês. A escolha destes se fez pela disponibilidade de fontes, visto a barreira monetária no arquivo britânico. Ainda como principal meio de informação, os jornais eram ostensivamente lidos por grande parte da população, mostrando-se fontes ótimas para compreender a presença do Movimento Escoteiro no Reino Unido. Podemos considerar que a imprensa teve um papel importante na divulgação do escotismo, não só no seu país de origem como no restante do globo. Para compreender melhor o nascimento do Escotismo e as suas características, utilizei as obras de Lucy Andrew e Allen Warren. Também recorri à Tania Regina de Luca como base teórica na análise dos jornais.

Palavras-chave: Escotismo, *Homefront*, Imprensa, Primeira Guerra Mundial.

Sumário

1. Introdução	6
2. Escotismo e militarismo no Reino Unido	7
a. O que é o Escotismo	8
b. Baden-Powell e seu tempo na África	12
c. O início do escotismo.....	13
d. Escotismo e militarismo	14
3. A Primeira Guerra Mundial e o Homefront	16
a. O conflito	17
b. Homefront	18
4. A difusão do escotismo por meio da imprensa	21
a. Jornal como fonte histórica	21
b. O escotismo na imprensa	23
c. O impacto que a imprensa teve no escotismo	28
5. Considerações Finais	30
6. Referências	31

Introdução

O Movimento Escoteiro é a maior organização de educação não-formal do planeta, tanto em quantidade de associados quanto na sua presença ao redor do mundo. Com seus mais de 100 anos de história, diversas figuras importantes passaram pelo Movimento e muitos reconhecem o seu valor como instituição. No entanto, no Brasil esse reconhecimento ainda é bem pífio e são poucos os que compreendem o escotismo. Apesar de uma população de mais de 200 milhões, o efetivo de escoteiros não alcança os 200 mil, ou seja, nem 0,1% da população total. Enquanto isso, o Reino Unido, país de origem do Movimento e com menos da metade da população do Brasil, possui mais que o dobro do efetivo, com aproximadamente 500 mil associados.

O Reino Unido, na sua preeminência mundial no início do século XX, possuía colônias e, conseqüentemente, uma necessidade de mantê-las muitas vezes a partir da força militar. É do exército que surge o fundador do Movimento Escoteiro, Sir Robert Baden-Powell, utilizando de seus conhecimentos e experiências nas colônias para publicar uma série de periódicos que se juntariam no livro “Escotismo para Rapazes”, de 1908.

O presente estudo tenciona explorar o surgimento do movimento escoteiro e as suas principais características, as quais permitiram a sua ampla aceitação e difusão pelo globo - difusão esta dependente em grande parte da presença ostensiva de menções sobre o escotismo nos periódicos e jornais, principal forma de comunicação em massa da época, também foco do texto. O período em análise são os anos da Primeira Guerra Mundial, conflito que mudou o mundo e marcou essa entrada no “mundo moderno”. A presença dos escoteiros no *Homefront* britânico é outro fator que impactou a percepção da população sobre o Movimento e a imprensa possuiu grande participação na criação da imagem pública deste.

No final, é minha expectativa compreender o Movimento Escoteiro em sua origem e história, notadamente sua participação na Primeira Guerra Mundial sob o ângulo de visão da imprensa e dos trabalhos formulados a respeito na área. Imprensa essa representada por periódicos retirados do *The British National Archive*, onde, devido à disponibilidade, escolhi os jornais *Stockton Herald*, *South Durham and Cleveland Advertiser* e o *Northern Weekly Gazette*. É uma discussão ainda muito pouco explorada, principalmente

no Brasil, e acredito ser importante compreender uma das forças que permitiu a permanência do Reino Unido no conflito.

Escotismo e militarismo no Reino Unido

Originário do Reino Unido, mais especificamente do sul inglês, o escotismo já alcançou os seus 117 anos, está presente em todos os continentes e conta com mais de 50 milhões de membros. Durante sua longa história, o movimento teve diversas mudanças nas estratégias para educar a geração futura, atualizando-se com as novas tecnologias e novas formas de vermos o mundo em que nos encontramos. Não obstante essa evolução, vários dos seus objetivos iniciais continuam relevantes até os dias atuais, como a formação de caráter, o incentivo ao desenvolvimento físico e intelectual, o fortalecimento de vínculos sociais e afetivos e a desenvoltura espiritual. Outros dois pontos que ainda persistem em alguns aspectos do Movimento Escoteiro ao redor do mundo são o nacionalismo e o militarismo.

Criado no início do século XX, em um momento no qual ambos os aspectos citados se encontravam muito fortes no Reino Unido, o escotismo veio como uma atividade educacional para formar cidadãos capazes de liderar o país nesse novo século que começou. Esse fator, aliado ao perfil de seu fundador, Sir Robert Baden-Powell, um militar de carreira britânico, permite deduzir o porquê de o Movimento possuir traços militaristas. Apesar disso, segundo relatos do próprio fundador e do *Headquarters Gazette*, este não possuía intenção alguma de ser um grupo de treinamento militar, e sim

essencialmente uma organização de Paz. O primeiro objetivo e fim do Movimento Escoteiro é fazer bons cidadãos [...] Nós, nos Escoteiros, não desejamos curar os males sociais do presente, mas sim prevenir sua recorrência na geração vindoura; tentar e diminuir o grande desperdício de vida humana vigente nas favelas de nossa cidade onde tantos milhares de nossos companheiros humanos vivem na miséria por ser 'não empregável'; [...] ('Boy Scouts and Cadet Corps', *Headquarters Gazette*, nov. 1910; R. S. S. Baden-Powell, 'Socialists and Boy Scouts', *ibid.* June 1912 apud WARREN, 1986, p. 376, tradução minha).

Mesmo assim, é difícil afirmar que o Movimento Escoteiro não tenha seus traços militaristas, com sua hierarquia militar e seus ensinamentos bem a par de conhecimentos

esperados em soldados. A partir dos periódicos feitos por Baden-Powell em 1907, além da publicação do compilado destes no livro *Escotismo para Rapazes*, os rapazes eram educados a melhorar aspectos físicos e a saúde, como também a aprender disciplina, patriotismo, lealdade, entre outros. Como Lucy Andrew nos fala, o foco da produção literária na representação visual trouxe uma importância ainda maior para o físico e a imagem corporal dos escoteiros, formando assim homens preparados para serem soldados na guerra futura (ANDREW, 2018, p. 49-50).

Essa preparação não levava apenas os mais velhos para o esforço de guerra, mas também permitiu que os mais jovens ajudassem o seu país da maneira que pudessem no *Homefront* britânico. A partir de jornais diversos do Reino Unido durante o período do conflito, podemos ver o apoio prestado pelos escoteiros nas mais diversas áreas da frente interna. Um jornal da região de Lancaster chamado “*Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser*” publicou, no final de 1914, uma notícia sobre o trabalho que aproximadamente 100.000 escoteiros estavam fazendo pelo seu país. Nesse mesmo texto, vemos várias menções a aspectos mais associados com o militarismo, como a disciplina, o chamado “*esprit de corps*”, a honra. Também se fala de como os escoteiros ajudaram o país depois da mobilização para a guerra, cuidando de linhas de telefone, telégrafo, trens, além do apoio prestado em hospitais e como mensageiros (*Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser*, 26/12/1914, p. 6). Mas antes de avançarmos mais na análise sobre a presença do militarismo no Movimento, é importante entendermos o que ele é.

O que é o escotismo?

O escotismo é um Movimento fundamentalmente educacional, o qual procura ensinar sobre como ser um cidadão prestativo para o seu país. No entanto, não é planejado para ser um substituto à educação formal das escolas e sim como uma atividade extracurricular na qual se trabalharia pontos nem sempre abordados naquela. No *Escotismo para Rapazes* original, publicado em 1908, Sir Robert Baden-Powell aponta o que é esperado do ensinamento dos escoteiros. Estes são trabalhados das mais variadas maneiras, seja a partir de trabalhos voluntários, atividades com seus companheiros, estudos feitos em casa

e nas atividades, etc. No entanto, como qualquer Movimento de longa existência, o Escotismo passou por mudanças nas formas de ensinar esses aspectos, até porque o mundo está em constante movimento e os escoteiros precisam saber acompanhá-lo. O próprio livro base, inclusive, teve várias versões feitas por Baden-Powell, sendo posteriormente adaptado e modificado por outros autores nos países que praticam o Escotismo. Como o período abordado neste trabalho é de 1914 a 1918, utilizarei da versão original disponível à época.

Para o fundador, o escoteiro deveria desenvolver seis áreas do conhecimento, as quais, se trabalhadas corretamente, produziriam um cidadão ideal. As seis eram:

- *Woodcraft*: o conhecimento voltado para a observação. Espera-se do escoteiro a percepção de detalhes que o permitam ajudar a si ou aos outros. Neste ponto já aparece outra característica do Escotismo presente até hoje, que é o respeito aos animais. Baden-Powell fala como “nenhum escoteiro propositalmente mata um animal apenas por matar” e que “ao observar continuamente um animal no seu estado natural, você passa a gostar muito deles para atirar”.
- *Campaigning*: essencialmente a noção de sobrevivência em espaços abertos, como em campanhas ou acampamentos mais isolados. Esses conhecimentos eram dos mais variados, indo de saber fazer uma fogueira e cozinhar até a habilidade de fazer balsas de madeira e de localizar-se usando as estrelas durante a noite e o sol durante o dia.
- *Chivalry*: o escoteiro deveria ser honrado e procurar ajudar os outros quando e onde pudesse. A ideia de uma boa ação diária nasce aqui, como uma regra a ser seguida por todos os escoteiros, independentemente da idade. Esta ideia continua presente no Movimento até os dias atuais, trabalhada principalmente com os mais jovens.
- *Saving Lives*: como o próprio nome nos fala, é o conhecimento e disposição de salvar vidas. O escoteiro deveria saber, em casos de acidente, manter sua calma e atuar para que a perda de vidas seja minimizada.

- *Endurance*: é a capacidade esperada de um jovem de ser saudável fisicamente. É conseguir praticar corridas, carregar peso, aguentar condições desfavoráveis, entre outros. Além disso, a própria higiene pessoal se encaixa neste ponto, com os consumos de álcool e cigarros duramente criticados.
- *Patriotism*: o escoteiro precisa aprender tudo isso para servir o seu país. É a noção de que os jovens são parte de um todo e por isso precisam se esforçar para a manutenção e adoração desse todo. (BADEN-POWELL, 1908, p. 19-27, tradução minha)

Em concordância com a intenção de formar cidadãos para o Reino Unido, uma característica bem notável durante todo o trecho é o aspecto nacionalista do texto. Em alguns pontos desta parte do livro, vemos referências ao império britânico, colocando-o como um dos maiores impérios já existentes. Allen Warren, ao tratar da maneira da qual o Escotismo veio a existir, comenta como “o contexto de um patriotismo popular assim como um medo de invasão e declínio imperial” foram bastante influentes (WARREN, 1986, p. 386). E realmente, ao considerarmos o patriotismo esperado, Baden-Powell comenta sobre como o império iria ruir tal qual o império romano, além de citações a inimigos da nação que cada vez mais ficam mais fortes (BADEN-POWELL, 1908, p. 28-30).

Seguindo a versão original, também é abordada a estrutura prevista para uma tropa de escoteiros entre as páginas 32 até a 43. O autor destaca a hierarquia, com o Escoteiro-chefe ou Oficial no cargo máximo, passando por Chefe de tropa, Monitor, Submonitor, Escoteiros de Primeira e Segunda classe e por último um *Tenderfoot*, um jovem que não é escoteiro. Essa hierarquia é mais um resquício das origens militares do Escotismo, com o Monitor desempenhando um papel de liderança entre os meninos. Para alcançar um posto hierárquico, é necessário se aplicar e completar objetivos destacados pelo autor, com o jovem sendo reconhecido pelos seus companheiros. Não só isso, é necessário seguir uma lista de atitudes e costumes; é preciso saber a saudação escoteira para cumprimentar seus irmãos escoteiros, o uso de um uniforme correto e apropriado, a estruturação em patrulhas com nomes de animais e o uso subsequente de bandeirolas representando cada uma destas (BADEN-POWELL, 1908, p. 32-43). Dito isso, um dos deveres mais importantes é fazer a Promessa Escoteira, na qual é esperado que o menino se compro-

meta a dedicar-se ao Escotismo e prezar pela “Lei Escoteira” e todos os seus ensinamentos. Foi ainda durante o acampamento na ilha de Brownsea que Baden-Powell implementou a ideia de uma “Lei Escoteira”, a qual os jovens deveriam seguir fielmente se quisessem ser escoteiros. A Lei Escoteira tinha 9 artigos:

- A honra de um escoteiro é digna de confiança – Este artigo foca na honestidade esperada nos jovens, os quais teriam a honra manchada caso mentissem. A honra deveria ser de suma importância, tal qual foi para os seus antepassados.
- O escoteiro é leal – Foi pensando na lealdade para com seu país que o autor colocou este artigo, defendendo que o escoteiro precisa ser leal ao rei, seus oficiais, seu país e seus empregadores.
- É dever do escoteiro ser útil e ajudar os outros – Remetendo a ideia do cavalheirismo (*Chivalry*), os escoteiros deveriam procurar sempre prestar ajuda aos outros.
- O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros, não importa a classe social – Este artigo vai ao encontro do objetivo de Baden-Powell de tornar o Escotismo uma fraternidade mundial, onde todos os escoteiros se vissem como iguais e se apoiassem no seu dever para com o próximo.
- O escoteiro é cortês - Com destaque dado cortesia para com as mulheres, crianças, idosos e deficientes.
- O escoteiro é amigo dos animais – Assim como abordado no aspecto de *Woodcraft*, os escoteiros precisam saber respeitar os animais e não lhes devem causar mal, exceto se obrigados.
- O escoteiro obedece a ordens – Aqui é interessante notar outra referência ao passado militar, com o autor constatando que os escoteiros precisam seguir ordens por ser seu dever, mesmo que sem concordar com elas, tal qual funciona com soldados e marinheiros.
- O escoteiro sorri e assobia – Enfatiza a necessidade dos escoteiros de sorrirem e serem otimistas em toda e qualquer ocasião, sem nunca xingar ou reclamar.
- O escoteiro é econômico - O escoteiro não deve gastar desnecessariamente, para poder se sustentar sem ser fardo aos outros e quando possível ajudar o outro em necessidade. (BADEN-POWELL, 1908, p. 44-46)

A partir dos artigos, é possível perceber bem o objetivo de Baden-Powell de formar um “bom cidadão”. Tanto para ele, quanto para a sociedade e governo britânicos, um jovem que crescesse seguindo esses ideais se tornaria não só um cidadão ideal para tempos de paz, mas também caso precisasse defender o seu país.

Baden-Powell e seu tempo na África

O escritor do livro abordado no parágrafo anterior é o britânico Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, nascido no coração do império em 1857. Antes de escrever seus livros e fundar o movimento escoteiro em 1908, Baden-Powell passou boa parte da sua vida militar servindo a marinha britânica nas colônias, principalmente na Índia e na África do Sul. Foi no continente africano que Baden-Powell percebeu a importância dos escoteiros militares (também chamados de batedores) e tomou interesse pessoal nestes. O início desse interesse vem principalmente do seu contato com o americano Frederick Russell Burnham, o qual o introduziu às noções de escotismo e *Woodcraft*. Com a rebelião em Matabelelândia, Baden-Powell utiliza de habilidades escoteiras e usa o conhecimento adquirido para reprimir os nativos. É a partir deste contato com o estadunidense e sua atuação na Matabelelândia que Baden-Powell escreveu um livro chamado “*Aids to Scouting*” em 1899, focado na área do *Woodcraft*. Para ele, o escotismo era fundamental na guerra moderna, trazendo exemplos de guerras europeias onde ações tomadas a partir deste levaram a grandes vitórias (KIERNAN, 1939, p. 48). No entanto, a sua fama toma forma a partir de um evento durante a Guerra dos Boer, o cerco à cidade de Mafeking, o qual durou 217 dias antes que fossem resgatados por tropas aliadas.

Neste episódio, Baden-Powell liderou uma guarnição de aproximadamente 1000 pessoas contra um exército inimigo de 7 a 8 mil. Além dos soldados defendendo a cidade, o grupo que serviu de inspiração para o seu livro “Escotismo para Rapazes” foi o dos garotos da cidade, os quais frequentemente se colocaram em perigo para levar mensagens ou ajudar onde necessário. É possível ver o quanto as ações destes jovens influenciaram Baden-Powell no livro mencionado, já que, ainda no primeiro capítulo, ele cita episódios nos quais os jovens foram de grande importância (BADEN-POWELL, 1908, p. 10-11).

A sua vivência na África foi igualmente relevante para o amadurecimento de sua concepção quanto aos escoteiros e o impacto positivo que poderia trazer aos garotos ao redor do mundo. Em diversos pontos do livro “Escotismo para Rapazes” menções são feitas a episódios vivenciados por ele, seja na Matabelelândia, em Mafeking ou contra os Ashanti na Costa do Ouro. Com a vitória no cerco, se torna um herói nacional e sua popularidade dispara, levando junto consigo os textos já escritos.

O início do Escotismo

Com a popularidade alta devido aos seus feitos militares, Baden-Powell percebe que o seu texto “*Aids to Scouting*”, apesar da audiência planejada ser de militares, é apreciado por civis de idades variadas, com destaque para meninos. Enquanto procurava modernizar o exército britânico entre 1900 e 1907, ele também participava de e observava atividades nas quais meninos utilizavam do seu livro. Durante esses anos, fez diversos amigos, com destaque para o futuro publicador do “Escotismo para rapazes”, C. A. Pearson, e, devido a esses contatos, decidiu fazer um acampamento em 1907 na Ilha de Brownsea (WARREN, 1986, p. 385-386). Os participantes deste eram filhos dos amigos feitos nos últimos anos e a ideia do acampamento era testar o escotismo de paz para jovens meninos. Durante o evento, os jovens se organizaram em quatro equipes, com os respectivos monitores e Baden-Powell como o escotista responsável. Essas quatro patrulhas, nome utilizado até hoje, formaram a base do sistema de equipes encorajado pelo escotismo, na busca de um maior senso de camaradagem. Trabalhando fogueiras, habilidades manuais, *Woodcraft* e culinária, os jovens ali tiveram a primeira experiência realmente escoteira, seguindo a lei escoteira (KIERNAN, 1939, p. 84).

Feito o acampamento teste e com o sucesso deste, Baden-Powell condensa os seus conhecimentos adquiridos de quase 30 anos de serviço militar e a experiência de Brownsea no livro “Escotismo para rapazes”, publicado em março de 1908. Primeiramente lançado em fascículos periódicos, o livro se torna um sucesso imediato não só no Reino Unido, mas ao redor do planeta. Provavelmente um dos livros mais influentes do século

XX, o “Escotismo para Rapazes” traz tudo que é esperado de quem deseja ser um escoteiro, detalhando a forma como deve ser estruturado o grupo escoteiro e o esperado dos jovens e chefes. Segundo a biografia de Baden-Powell, em 1909 já estimavam a existência de 80 mil escoteiros só no Reino Unido (KIERNAN, 1939, p. 85), enquanto jornais da época da Primeira Guerra Mundial já mencionavam o apoio de 100 mil escoteiros nos esforços de guerra (*Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser*, 26/12/1914, p. 6). O sucesso estrondoso do Movimento Escoteiro ao redor do mundo leva Baden-Powell a viajar para conhecer e fortalecer o Escotismo em diversos países. No Brasil, por exemplo, o escotismo nasce a partir da volta de marinheiros brasileiros, os quais tinham sido deslocados até a Inglaterra para guarnecer as novas embarcações da Marinha do Brasil. Na volta para casa, em 1910, os oficiais entusiasmados com o Escotismo fundam as primeiras tropas escoteiras no Rio de Janeiro. A ideia de uma fraternidade mundial pacífica promovida a partir do Movimento passa a tomar forma, com o fundador dizendo que “se alguém desse ao Movimento Escoteiro o preço de uma *Dreadnought*, nos aproximaríamos de não precisar mais construir nenhuma” (KIERNAN, 1939, p. 88). No entanto, por mais pacíficas que fossem as intenções de Baden-Powell, não podemos negar o ar militarista que também acompanhava o Escotismo, o qual inclusive é capaz de ter contribuído com o seu sucesso.

Escotismo e Militarismo

O Movimento Escoteiro floresce em um momento em que o militarismo e a necessidade de fortalecer as novas gerações estavam em alta. Como Warren aponta, depois das vitórias da Prússia na segunda metade do século XIX, a Europa passa a condicionar tais resultados ao militarismo presente na sociedade prussiana (WARREN, 1986, p. 378). Por mais que o Reino Unido fosse um país notadamente liberal em comparação aos seus vizinhos europeus e dificilmente os militares pudessem exercer tanta influência na política como na Alemanha, os valores militares ainda eram muito bem vistos pela sociedade. Tanto Warren quanto Andrew apontam o receio das autoridades com a situação dos jovens, buscando maneiras de preparar os meninos britânicos mental e fisicamente para se

tornarem soldados no futuro. Andrew, focando na parte da masculinidade, cita um relatório no qual se falava da deterioração da capacidade física dos jovens, com muitos falhando o teste físico para se tornarem soldados (ANDREW, 2018, p. 48-49). Já Warren cita várias tentativas de organizações para garotos, nas quais o foco na disciplina, lealdade e patriotismo raramente eram bem-vistas e falharam em angariar suporte (WARREN, 1986, p. 379-383). Por isso, é tão curioso que o Movimento Escoteiro, o qual, segundo seu criador, procura apenas produzir bons cidadãos para atuar de maneira pacífica e servirem o seu país como pudessem, ganhou uma popularidade tão grande. Apesar disso, são os valores militares tão prezados pela sociedade britânica, tais quais os citados acima, que muito provavelmente permitiram o sucesso do Escotismo.

Mesmo com poucas referências ao serviço militar, e mesmo essas servindo apenas de exemplos a partir de experiências do próprio Baden-Powell, as virtudes militaristas são muito presentes no “Escotismo para Rapazes”. Em certas partes do livro, vemos citações de rituais utilizados por militares e adotados pelo Escotismo. Na página 36, lemos um comentário do autor sobre o ato da saudação ou continência, muito presente no exército como forma de respeito pelos superiores. Para o fundador, a saudação era uma maneira de cumprimentar respeitosa e que “era um privilégio poder saudar alguém” (BADEN-POWELL, 1908, p. 36). Mas a virtude militar mais abordada no livro é o patriotismo. Para um leitor atual, pode parecer até exagerada a constante menção ao império britânico e ao dever que o escoteiro tem com a sua pátria, com até mesmo um capítulo inteiro só para falar sobre o Reino Unido e seu império. Contudo, o aspecto do patriotismo é uma das principais preocupações que o escoteiro precisa ter e desenvolver e está diretamente ligado com o militarismo, com o próprio autor colocando a necessidade dos escoteiros de estarem preparados para defender seu país se necessário, indo bem conforme o medo de invasão presente na sociedade britânica da época (BADEN-POWELL, 1908, p. 300-301; ANDREW, 2018, p. 48). No entanto, é importante apontar que, na mesma página, Baden-Powell continua a defender a paz, desejando que a paz do Reino Unido com outras nações europeias perdurasse e argumentando a manutenção da paz pela preparação para a guerra (BADEN-POWELL, 1908, p. 300). O velho provérbio em latim “*Si vis pacem, para bellum*” (Se quer paz, prepare-se para a guerra) parece representar bem

a presença do militarismo no início Movimento Escoteiro. Esta busca promove constantemente a paz e o desenvolvimento pessoal dos jovens, mas os ensinamentos podem facilmente ser direcionados para atos de guerra, como foi o caso das duas Guerras Mundiais.

A Primeira Guerra Mundial e o *Homefront*

A Primeira Guerra Mundial, a chamada “seminal catástrofe do século XXI”, foi um dos maiores conflitos armados da história do planeta. Envolvendo todos os continentes, com dezenas de milhões de mortos entre civis e militares, a Grande Guerra mudou profundamente não só o continente europeu, palco das principais batalhas, mas o mundo todo. Ainda hoje, mais de um século depois do fim dos combates, regiões do globo lidam com as consequências de ações tomadas durante os quatro anos de conflito. Na França, muitos campos onde as trincheiras se estendiam continuam esburacados e impróprios para o cultivo, devido às montanhas de munição enterradas ali. No Paquistão, o efeito da mobilização de homens para o exército britânico levou à ascensão de uma elite rural-militar da região do Punjab que até hoje possui influência nas políticas internas do país (TAIYONG, 2000, p. 409). No Oriente Médio, as fronteiras desenhadas por Sykes e Piquot continuam a criar atritos regionais.

Mas como o continente mais poderoso do planeta, com seus impérios dominando grandes áreas do globo, em um momento que a *Belle Époque* florescia, se digladiou de maneira tão violenta? Inúmeros trabalhos já foram escritos sobre os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial. No imediato pós-guerra, vários trabalhos eram escritos procurando achar o “culpado” pela deflagração do conflito, como alertado por Christopher Clark no seu famoso “The Sleepwalkers”. Na introdução, o autor cita trabalhos encomendados pelos governos dos países beligerantes para uso político, principalmente identificar o responsável pelo conflito (CLARK, 2012, p.12). Mas com a maior e mais violenta Segunda Guerra Mundial duas décadas após o fim da Primeira, a produção ao redor desta diminuiu. Foi com o centenário do conflito que floresceu novamente o interesse e a quantidade de trabalhos escritos cresceu drasticamente.

O foco nesse capítulo é explorar a entrada do Reino Unido na Primeira Guerra Mundial, além de falar sobre o *Homefront* britânico, onde os escoteiros atuaram. Essa área do esforço de guerra se tornou crucial, com os impactos do conflito muito mais sentidos pela população em geral. Não só isso, a manutenção do *front* interno se mostrou crucial para impedir a ocorrência de greves nas indústrias, para prover a comida dos civis e dos soldados e para manter a moral do país e da população para continuar em guerra. Como Paulo Visentini citou em seu livro sobre o conflito, Alemanha, Rússia e Reino Unido ainda nos dois primeiros anos da guerra se veem forçados a lidar com greves e revoltas, utilizando de propaganda para justificar a permanência no conflito (VISENTINI, 2014, p. 65-67). A opinião pública foi importante durante todo o período, até mesmo pré-guerra, com Clark citando vários momentos em que os líderes políticos se mostravam preocupados com apoio popular para justificar a entrada no conflito.

O Reino Unido na guerra

O Reino Unido aproveitou da preeminência global por boa parte do século XIX e no início do século XX era uma das potências coloniais europeias. No entanto, a emergência da Alemanha gerou vários atritos antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, com o imaginário britânico já os vendo como inimigos. Seja em livros como *Riddle of the Sands* e *War of the Worlds*, ou em conteúdos destinados às crianças, a ameaça de uma invasão germânica nas ilhas britânicas gerava receio na população (VAN EMDEN, HUMPHRIES, 2017, p. 12). No entanto, até 1905, o verdadeiro perigo ao poderio britânico, na visão destes, se encontrava na Rússia e seu império transcontinental. O posicionamento da Rússia e de seus exércitos perto de zonas de alta importância para o Reino Unido, tal qual como China e Índia, preocupava os tomadores de decisão de Londres. A preocupação era tamanha que o anúncio da aliança franco-russa foi tomado como uma atitude anti-britânica (CLARK, 2012, p.105-107). Como Clark coloca, a Alemanha era um incômodo diplomático, mas a Rússia era uma ameaça existencial.

Com a formação da *Entente Cordiale* em 1904, esperava-se não só mitigar os atritos com a França nas colônias ultramarinas, mas ter esta como um agente restritivo em

relação à Rússia. Junto disso, a derrota estarrecedora sofrida por esta contra o Japão em 1905 ajudou a diminuir o receio britânico, que também diminuiu bastante com a Convenção de 1907 (CLARK, 2012, p.107-108, 119). Desavenças com a Alemanha, entretanto, continuam a crescer e fomentam diversas crises diplomáticas. Ainda em 1905, a Primeira Crise do Marrocos tem o Reino Unido apoiando a França na convenção multilateral, para derrota da Alemanha. Posteriormente, a corrida armamentista naval ganha impulso com a criação da Dreadnought britânica em 1906 e um grande plano naval alemão em 1908. É em 1911, com a Crise de Agadir, que uma guerra entre as potências pareceu iminente, com o Reino Unido apoiando firmemente seus aliados franceses contra os interesses alemães. Em alguns momentos parecia que os britânicos estavam mais predispostos à guerra do que a própria França (CLARK, 2012, p.155). No entanto, com um acordo firmado no final do ano, o conflito não se torna realidade. É na Crise de Julho e nas declarações de guerra de 1914 que a Alemanha consolida a posição como ameaça existencial.

O *Homefront* britânico

Quando da deflagração do conflito, a população britânica mobilizou-se para ajudar o seu país na guerra da forma que podiam. Homens de idade militar se voluntariaram (inclusive o Reino Unido era o único país em guerra a não ter serviço militar obrigatório até 1916 (ANDREW, 2018, p. 47)), mulheres tomaram o lugar dos homens que iam para o combate e as crianças ajudaram como podiam, principalmente como mensageiros. Na obra de Van Emden e Humphries, os autores abordam bem a visão da população em geral com a guerra e como atuaram durante o período no *Homefront* britânico. Segundo o livro, os britânicos se viam forçados a lutar com a Alemanha, esta que era a responsável pelo conflito. Um relato interessante é de uma jovem argumentando

‘acreditar que estamos lutando por uma verdade ética, e que a guerra é um embate entre civilização, e tudo que ela representa, e a barbaridade da Alemanha, a qual parece ser resultado do seu extraordinário crescimento nos últimos 40 anos, o que não é baseado em uma civilização sólida’ (VAN EMDEN, HUMPHRIES, 2017, p. 18, tradução minha)

Esse entusiasmo não perdurou por todo o período em análise. Com as notícias de mortes de soldados no *fronte* a aparente infinidade do conflito, tornava-se difícil manter a moral alta.

Em 1916, diversos eventos afetaram negativamente a animação da população britânica. Com derrotas no Iraque, em Gallipoli, Jutland, a Revolta de Páscoa na Irlanda e a morte do Lord Kitchener, o cidadão britânico viu-se precisando de boas notícias. A imprensa demonstrava-se mais cooperativa e ajudava a manter a moral, principalmente com reportes do *front* e da ação dos soldados. No entanto, a quantidade avassaladora de mortes do ano de 1916, principalmente com a Batalha do Somme, trouxe a realidade de uma guerra industrial para casa. Os voluntários de Kitchener sofreram altas taxas de baixas que impactaram cidades em todo o Reino Unido, mudando a entonação nos jornais que reportavam as grandes perdas humanas da Batalha (VAN EMDEN, HUMPHRIES, 2017, p. 109-111). Além das notícias ruins no *front*, desde o início de 1915 o território do Reino Unido também estava sob ataque direto. Apesar de não serem tão eficientes como os bombardeiros estratégicos, os gigantescos zeplins tinham a intenção de ser uma arma psicológica para destruir a determinação da população civil, tal qual os bombardeiros alemães na Segunda Guerra Mundial durante a Batalha da Grã-Bretanha. Segundo Van Emden e Humphries, o perigo dos zeplins foi bem exagerado principalmente pelo medo do cidadão comum e pela ação da imprensa (VAN EMDEN, HUMPHRIES, 2017, p. 171-172).

Já em 1917, o prospecto de fome foi a principal preocupação da população britânica. A marinha do Reino Unido fazia um bloqueio naval para impedir a importação de produtos pela Alemanha, o que causou sérios problemas para a população desse país. Somada a essa motivação “moral”, a prospecção da efetividade dos submarinos levou a Alemanha a instaurar a guerra submarina irrestrita contra a Entente. Por ser um país insular, o Reino Unido dependia muito de importações de alimentos por mar. Com a ação dos submarinos, mais de 2.2 milhões de toneladas foram afundadas antes de chegar nos portos britânicos só em 1917 (VAN EMDEN, HUMPHRIES, 2017, p. 205). A insegurança alimentar tomou conta da ilha, com os mais pobres sofrendo para conseguir comprar o suficiente para sobreviver, recorrendo à caça de coelhos e pássaros. (VAN EMDEN, HUMPHRIES, 2017, p. 215). Essa situação só melhorou com a participação de mulheres, prisioneiros de guerra e ex-soldados incapazes de voltar ao combate na produção agrícola.

A partir dessa nova mão de obra, “a colheita de 1917 foi a maior e melhor da história, com um crescimento substancial na produção de cereais e batatas” (VAN EMDEN, HUMPHRIES, 2017, p. 225).

Com o fim da guerra em 1918, a situação interna do Reino Unido estava muito diferente do que era antes do conflito. Mulheres passaram a ter uma presença maior e conquistam eventualmente o sufrágio em 1920, apesar de muitas perderem o emprego por vontade própria ou não (VAN EMDEN, HUMPHRIES, 2017, p. 305). A indústria, que durante a guerra focou na produção de material bélico, lentamente volta à produção normal de tempos de paz. Centenas de milhares de homens de idade produtiva se veem enterrados enquanto outros milhões são afetados pelas suas experiências no *front*. A desmobilização destes homens inclusive foi lenta e gerou descontentamento entre os soldados. Os autores falam da ausência de equidade na liberação dos soldados e de como, mesmo meses depois do armistício, muitos ainda esperavam para voltar à vida civil (VAN EMDEN, HUMPHRIES, 2017, p. 303). No final, os vencedores da Primeira Guerra pouco podiam ser chamados de vencedores. Os quatro anos de conflito mudaram não só as fronteiras, mas causaram perdas materiais e humanas colossais em todos os envolvidos. Referindo-nos ao *Homefront* britânico, vemos como a população em geral sofreu para manter o país na guerra e como a animação de 1914 declinou para a luta pela sobrevivência, que só foi superada com o alívio da paz em 1918.

A difusão do escotismo por meio da imprensa

Durante os quatro anos de conflito a imprensa britânica teve um papel muito importante para a construção da ideia de *Homefront*, noticiando os acontecimentos dos *fronts* para a população civil e influenciando a visão desta sobre o andamento da guerra. Os jornais eram, na época, o principal meio de comunicação no mundo, e o Reino Unido possuía uma grande variedade e quantidade de veículos impressos. A partir do banco de dados do *The British Newspaper Archive*, só entre os anos de 1914 e 1918 foram encontrados mais de 273.000 periódicos publicados no país. É importante lembrar que esses

são apenas os que sobreviveram e já foram digitalizados. Essa ampla gama de fontes permite um estudo mais aprofundado sobre o *front* interno britânico, mostrando como a sociedade civil era informada e reagia aos eventos durante os anos de guerra.

O uso de periódicos como fonte histórica ainda é recente e traz vários desafios sobre como lidar com a natureza deles, mas autores já trouxeram a relevância que eles têm e as possibilidades que trazem para a historiografia (LUCA, 2005, p. 112). A ideia nesse capítulo é de explorar a maneira como o escotismo aparecia na imprensa britânica durante o conflito. Mesmo com todas as suas problemáticas, os periódicos, com apoio de outras fontes, podem fornecer uma visão da divulgação do movimento e até a formação de uma imagem nem sempre almejada por Baden-Powell.

Periódico como fonte

Antes de começar a analisar os periódicos, vejo como necessário um breve comentário sobre o uso de tais como fontes históricas. Os jornais existem há séculos e, com o advento da prensa móvel e subsequentes tecnologias, junto da maior alfabetização, eles ganham uma popularidade enorme. No período em análise, quantidades vastas de jornais eram impressos diariamente para manter a população atualizada com os acontecimentos do dia e a imprensa em sua totalidade tinha grande influência na formação da opinião pública. Clark fala da importância reconhecida pelos próprios contemporâneos da imprensa na política externa (CLARK, 2012, p.166). No entanto, com a comercialização cada vez maior, a imprensa também se tornou ferramenta para a divulgação de ideias e fatos que, mesmo não sendo falsos, contavam com uma forte parcialidade do autor. Tania Regina de Luca nos ajuda a entender o uso de periódicos dentro da historiografia.

A autora faz um panorama acerca do uso dos periódicos como fonte histórica, passando pela linha do tempo na historiografia e desenvolvendo argumentos para justificar a aceitação desta utilização e a forma de análise a ser feita pelos historiadores. A principal crítica quando se fala de jornais é a sua inerente parcialidade, derivada dos interesses do seu publicador. Por isso, não seria possível analisar historicamente e alcançar uma verdade absoluta, visto que para tal era necessária uma fonte objetiva e imparcial.

Segundo Luca, por mais que a crítica a esta visão seja da Escola dos Annales na década de 1930, ainda demora para se aceitar os periódicos como fontes e apreciar a sua capacidade historiográfica (LUCA, 2005, p. 112). A visão era de que, por mais que os jornais fossem vistos como tão fidedignos quanto qualquer outra fonte, a utilização deles seria muito mais complicada em comparação. O principal é o uso dos jornais como fontes apenas de confirmação das ideias do escritor, sem levar em consideração o ambiente de onde foram retiradas as informações (LUCA, 2005, p. 116-117).

O que me levou a buscá-los e abordar a divulgação do escotismo neles é a quantidade enorme de material disponível para análise. Utilizando o *The British Newspaper Archive*, temos quase 230.000 periódicos mencionando os escoteiros de 1914 a 1918. O Movimento também é, até hoje, muito dependente da divulgação pelos seus membros e a imprensa aumenta significativamente o alcance. Então, os jornais são fontes muito relevantes para compreender a dispersão do escotismo e a imagem que se criava em volta dele. Procurei analisar os vários aspectos do jornal, como local e periodicidade de publicação, formatação, público-alvo, etc.

O Escotismo na imprensa

Os jornais utilizados nesta pesquisa são o *Stockton Herald*, *South Durham and Cleveland Advertiser* e o *Northern Weekly Gazette*, ambos eram publicados no município¹ de Stockton-on-Tees, no nordeste inglês. Região rica em carvão mineral, ela alcançou grande prosperidade no final do século XIX e início do XX, porém entrou em decadência na década de 1920. É possível ver essa diminuição de recursos a partir dos jornais disponíveis para análise dentro do arquivo, com muitos dos jornais menores parando de publicar nessa época. Apenas os maiores conseguiram manter-se de pé no entreguerras e durante a crise de 1929. Os dois periódicos não possuem um publicador definido pelo arquivo ou outros sites britânicos, mas pelo preço acessível (1 penny no sistema pré-decimal), podemos deduzir que era acessível a pessoas de todas as classes sociais. Na questão

¹ Usei esse termo por ser o mais aproximado no Brasil, com o termo original sendo “borough”

da formatação dos periódicos mencionados, são variadas as posições onde as notícias sobre os escoteiros aparecem. Em geral, o título aparece em destaque, mas enquanto algumas aparecem nas cabeceiras dos jornais, outras são mais reservadas, sem chamarem muita atenção. Esse posicionamento provavelmente é devido ao conteúdo de cada notícia, tendo em maior destaque aquelas que abordavam o Movimento em sua totalidade, ao contrário das que mencionam atos pontuais de atuação de escoteiros.

Ao somar os dois jornais em análise, cerca de 550 documentos estão disponíveis para acesso dentro do arquivo britânico com menções aos escoteiros. Com uma publicação semanal por ambos e cerca de 250 semanas no período em pesquisa, vemos que os escoteiros dificilmente passavam um longo período sem serem mencionados. Isso é confirmado quando vemos no arquivo completo, com mais de 230.000 periódicos onde a palavra “*scouts*” é mencionada. Essa quantidade significativa de menções mostra como os escoteiros estavam presentes na imprensa britânica entre 1914 e 1918, referenciados das mais diversas formas. Boa parte dos periódicos aborda a maneira como os escoteiros atuavam na sociedade britânica, seguindo a ideia de Baden-Powell de serem bons cidadãos. Exemplos variam entre o reconhecimento da ajuda prestada guardando a costa, ajudando em hospitais, arrecadando fundos para o conflito, entre outros.

Uma notícia do *Stockton Herald*, datado de 26 de dezembro de 1914, traz como um dos destaques o trabalho feito pelos escoteiros no Reino Unido. O título, em posição de destaque na página, chama a atenção do leitor e o leva a ler o restante da notícia. Com o título “Dever e disciplina – Baden-Powell e o desenvolvimento do caráter” e subtítulo “Trabalho dos Escoteiros – 100.000 fazendo um excelente trabalho pelo seu país”, essa notícia aborda a parte educativa do Movimento Escoteiro e como esta vem ajudando na formação da nova geração do país. Isso tem a ver com a proposição ideológica do escotismo. Allen Warren coloca o escotismo como ferramenta ideológica, com J. R. Gillis argumentando que “o Escotismo é uma tentativa britânica de levar à classe trabalhadora o compromisso entre as classes média e aristocrática estabelecido pelo sistema público de ensino” (GILLIS, 1973, p. 249-260 apud WARREN, 1986, p. 376). Na notícia há uma menção à intenção de trazer os ensinamentos de disciplina derivados de métodos como o alemão e por meio de jogos. No entanto, “Enquanto meninos de classe alta possuem o benefício destes jogos e seu treinamento de disciplina, os meninos pobres, os quais mais

desejavam disciplina, não a possuíam”². Isto considerado, parece errôneo argumentar que seria uma ferramenta ideológica de uma classe superior, visto que a ideia, tanto segundo Baden-Powell quanto na própria notícia onde ele também é citado, era trazer essas virtudes àqueles que não tinham como desenvolvê-las por outra maneira tal qual jovens mais afortunados. Outro trecho referente às questões sociais britânicas é de Baden-Powell colocando a “inculcação deste espírito de disciplina” como de ainda maior importância para as meninas, visto que “era a influência da mãe que fazia a produção de caráter nas crianças”³. Esta colocação vai ao encontro do mencionado na biografia de BP, quando se fala da criação das *Girl Guides* em 1912. O papel da mulher na sociedade britânica da época, como primariamente mãe e criadora das próximas gerações, influencia nos ensinamentos dentro do escotismo, mais focados em tarefas domésticas (KIERNAN, 1939, p. 88).

Ainda na notícia em questão, vemos a menção ao trabalho feito por escoteiros com a declaração de guerra. Inicialmente ajudando na proteção de pontes, linhas de telefone e telégrafo e ferrovias, passam posteriormente a apoiar hospitais como ajudantes, mensageiros e outros trabalhos. Outras notícias mostram essa atuação escoteira no *Homefront*⁴, além de mencionar também alguns adultos que deixaram suas tropas para combater no fronte⁵. A relação dos escoteiros com a guerra e as forças armadas é um assunto recorrente nas notícias em análise. Mesmo com a aversão de Baden-Powell à ideia de o Movimento

² Autor desconhecido, WORK OF BOY SCOUTS. 100,000 Doing Excellent Work For Their Country, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 6, 26 de dezembro de 1914.

³ Autor desconhecido, WORK OF BOY SCOUTS. 100,000 Doing Excellent Work For Their Country, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 6, 26 de dezembro de 1914.

⁴ Autor desconhecido, WORK OF THE BOY SCOUT. How they have helped to guard the coast, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 2, 23 de janeiro de 1915.

Autor desconhecido, Scouts on War Service, Northern Weekly Gazette, Stockton-on-Tees, página 7, 2 de outubro de 1915.

Autor desconhecido, PATRIOTIC SCOUTS, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 4, 07 de novembro de 1914.

⁵ Autor desconhecido, WORK OF THE BOY SCOUT. How they have helped to guard the coast, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 2, 23 de janeiro de 1915.

Autor desconhecido, PATRIOTIC SCOUTS, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 4, 07 de novembro de 1914.

Escoteiro estar criando soldados futuros, é impossível desassociar o elemento militarista. O mesmo jornal da outra notícia, datado de 7 de novembro de 1914⁶, destaca na página 4 a mobilização de uma tropa escoteira para apoiar no esforço de guerra. Enquanto os escoteiros mais jovens se voluntariaram na defesa interna, os oficiais (adultos voluntários) ajudaram na arrecadação de fundos, no recebimento de refugiados e incentivaram o recrutamento de soldados. Desta tropa, 67 membros se alistaram para ajudar nas forças armadas, como na marinha e no exército. Em outro, datado de 2 de outubro de 1915, se fala de vários escoteiros “que deram a vida em nome da Inglaterra” e dos “vários que agora servem tanto em casa quanto no exterior dentro do exército”⁷. Os escoteiros, assim como boa parte da sociedade britânica, participaram ativamente do esforço de guerra.

Mas, em contraste com o desejo de BP, os escoteiros ainda eram parcialmente vistos como “pequenos soldados”, sendo preparados para guerras futuras. Além dos métodos pensados para a implementação da disciplina nos jovens, baseados no “sistema alemão de exercício e treinamento militar, ou em uma imitação deste”⁸, a participação de escoteiros mencionada os envolveu em deveres militares. Além disso, em outros países os escoteiros participaram ativamente na frente de batalha, com vários morrendo em decorrência da sua atuação (KIERNAN, 1939, p. 91). No fim da notícia, ao referir o treinamento dos soldados (nesse caso, dá a entender que ele estava se referindo a soldados fora do Movimento), Baden-Powell elogia o sistema de treinamento destes. Treinamento este planejado para se tornarem “homens e não máquinas e os imbuir de confiança, coragem, alegria e uma certa artilosidade”⁹. A questão é que no próprio escotismo se praticava um estilo parecido de ensinamento, incentivando a individualidade e as qualidades mencionadas acima. O trecho, inclusive, vai à contramão do argumento de Warren. Ao falar da comparação entre treinamento de soldados e jovens, o autor cita Baden-Powell, onde este

⁶ Autor desconhecido, PATRIOTIC SCOUTS, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 4, 07 de novembro de 1914.

⁷ Autor desconhecido, Scouts on War Service, Northern Weekly Gazette, Stockton-on-Tees, página 7, 2 de outubro de 1915.

⁸ Autor desconhecido, WORK OF BOY SCOUTS. 100,000 Doing Excellent Work For Their Country, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 6, 26 de dezembro de 1914.

⁹ Autor desconhecido, WORK OF BOY SCOUTS. 100,000 Doing Excellent Work For Their Country, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 6, 26 de dezembro de 1914.

classifica o treinamento de cadetes “sem imaginação e não se preocupava com o desenvolvimento de caráter individual na sua preocupação com uma obediência coletiva e impensada” (WARREN, 1987, p. 393). No entanto, Kiernan, ao discorrer sobre as intenções de Baden-Powell para com o treinamento de soldados, fortalece a ideia de criar soldados com “desenvolvimento de caráter e mente, para que o soldado pudesse voltar à vida civil como igual, se não superior, aos seus companheiros” (KIERNAN, 1939, p. 74). Então a ideia educacional do Movimento Escoteiro se encontra muito próxima das intenções de seu fundador com o exército de onde veio.

Dito isso, a participação do escotismo britânico durante a Primeira Guerra Mundial, apesar de também acontecer no *front*, é primariamente em ações internas. Em 17 de novembro de 1917, o *Stockton Herald* publicou uma longa notícia sobre uma demonstração por uma tropa escoteira na cidade de *Middlesbrough*. Neste evento houve várias amostras de conhecimento escoteiro, variando entre cuidados médicos (que nesse ponto da guerra já havia muitos feridos que voltaram para casa), artesanato, carpintaria, entre outros. Segundo o periódico, o evento "se provou tão interessante que um grande número de meninos pediu para serem matriculados imediatamente"¹⁰. Na edição seguinte, de 24 de novembro de 1917, o jornal destaca a atuação de escoteiros na mesma cidade. Sem seus chefes escoteiros, os quais a guerra tinha levado, os jovens mais velhos organizaram, junto de uma funcionária do hospital, uma ajuda em um hospital materno. O programa, iniciado no final do ano anterior com 04 mães, expandiu para 358 na data da publicação, com a mortalidade infantil significativamente menor. Não só as mães recebiam apoio nesse momento, como os jovens recebiam conhecimento útil para a vida. Além disso, a notícia destaca a atuação de *Girl Guides* nas atribuições tomadas devido à guerra, como o apoio aos aleijados, muitos deles provavelmente soldados voltando do *front*¹¹.

Esta última menção é um bom exemplo da maior participação de mulheres em um Movimento inicialmente pensado para meninos. As meninas, como defendido por Baden-Powell, seriam alvos tão importantes, se não até mais, que os meninos. A diferença estaria

¹⁰ Autor desconhecido, BOY SCOUTS' CAMPAIGN. INTERESTING DISPLAYS AT MIDDLESBROUGH, *Stockton Herald*, *South Durham and Cleveland Advertiser*, *Stockton-on-Tees*, página 6, 17 de novembro de 1917.

¹¹ Autor desconhecido. THE SETTLEMENT. MANY-SIDED AND BENEFICENT WORK AT MIDDLESBROUGH. *Stockton Herald*, *South Durham and Cleveland Advertiser*, *Stockton-on-Tees*, página 5, 24 de novembro de 1917.

no objetivo, já que a ideia da mulher como cuidadora e mãe ainda era proeminente como vimos anteriormente. Expandindo a notícia, fala-se do trabalho feito pelas meninas na guerra e o objetivo das *Girl Guides*: “elas não queriam mulheres másculas, [...] mas sim mulheres femininas”¹². O incentivo de Baden-Powell para a participação feminina por meio do Movimento das *Girl Guides* pode ser visto de duas maneiras: um fortalecimento da visão da mulher como cuidadora e mãe; e um desenvolvimento da ideia de uma mulher independente. Por um lado, na biografia e nas notícias em análise¹³ a atuação das meninas se foca no papel materno e no cuidado. Por outro, na mesma biografia se fala sobre como a educação das *Girl Guides* tinha seu foco na construção do caráter e saúde. No final, tal qual a ideia dos *Boy Scouts* era criar homens saudáveis, patriotas, dispostos a defender seu país, mas com o desenvolvimento de um pensamento crítico independente¹⁴, a intenção das *Girl Guides* pode ser vista com uma junção destas duas visões. Ou seja, a ideia não seria de mudar os papéis associados a homens e mulheres, mas sim aprimorar as habilidades nestes junto do desenvolvimento do pensamento independente, formando pessoas e não máquinas.

Por mais que existam semelhanças entre as educações dos escoteiros e os militares, o que esses quatro periódicos reforçam é um argumento já abordado por Andrew, em que os escoteiros sabiam do seu papel subsidiário no conflito e eram incentivados a manter assim (ANDREW, 2018, p. 57-58). Nas cinco notícias¹⁵ os escoteiros atuam de maneira a apoiar o esforço de guerra, mas tendo os seus mais velhos como os organizadores.

¹² Autor desconhecido. THE SETTLEMENT. MANY-SIDED AND BENEFICENT WORK AT MIDDLESBROUGH. Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 5, 24 de novembro de 1917.

¹³ Autor desconhecido, WORK OF BOY SCOUTS. 100,000 Doing Excellent Work For Their Country, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 6, 26 de dezembro de 1914; Autor desconhecido. THE SETTLEMENT. MANY-SIDED AND BENEFICENT WORK AT MIDDLESBROUGH. Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 5, 24 de novembro de 1917.

¹⁴ Vide primeiro capítulo deste trabalho.

¹⁵ Autor desconhecido, Scouts on War Service, Northern Weekly Gazette, Stockton-on-Tees, página 7, 2 de outubro de 1915.

Autor desconhecido, PATRIOTIC SCOUTS, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 4, 07 de novembro de 1914.

Tal qual como planejado pelo seu fundador, os jovens do Movimento Escoteiro atuavam para ajudar como pudessem onde fosse necessário, fazendo todo dia uma boa ação. Enquanto muitos escoteiros mais velhos se alistaram para as forças armadas¹⁶, o Movimento continuou a ser divulgado principalmente devido às suas atuações no *Homefront*. Os escoteiros são citados pelos seus atos em hospitais, nas costas, nas comunidades onde vivem, sempre de maneira a apoiar os adultos e o seu país onde eram capazes. E essa atitude era reconhecida pelas pessoas em volta, com um jornal do *Northern Weekly Gazette* de 2 de outubro de 1915 contando com um comentário escrito por um soldado do batalhão de ciclistas¹⁷. Neste, o escritor fala sobre como todos deveriam agradecer os esforços dos escoteiros para apoiar o seu país na guerra, já que eles, tal qual os homens no exército e marinha, também eram voluntários atuando no esforço de guerra. E o objetivo dessas notícias é exatamente quebrar com essa visão de escoteiros como pequenos soldados. Ao focar no que faziam no *Homefront*, essas notícias fortalecem a noção defendida por Baden-Powell do escoteiro como separado das instituições militares.

Em uma notícia datada de antes da guerra, já era combatida a comparação com militares. O texto menciona que “muitos responsáveis não deixam suas crianças entrarem pois acreditam que irá apenas treinar elas para serem soldados, mas isso não é nada mais que imaginação, pois o Movimento Escoteiro foi fundado para ajudar os meninos na vida,

Autor desconhecido, WORK OF THE BOY SCOUT. How they have helped to guard the coast, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 2, 23 de janeiro de 1915.

Autor desconhecido, WORK OF BOY SCOUTS. 100,000 Doing Excellent Work For Their Country, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 6, 26 de dezembro de 1914; Autor desconhecido. THE SETTLEMENT. MANY-SIDED AND BENEFICENT WORK AT MIDDLESBROUGH. Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 5, 24 de novembro de 1917.

¹⁶ Autor desconhecido, Scouts on War Service, Northern Weekly Gazette, Stockton-on-Tees, página 7, 2 de outubro de 1915.

Autor desconhecido, PATRIOTIC SCOUTS, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 4, 07 de novembro de 1914.

Autor desconhecido, WORK OF THE BOY SCOUT. How they have helped to guard the coast, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 2, 23 de janeiro de 1915.

¹⁷ Autor desconhecido, Scouts on War Service, Northern Weekly Gazette, Stockton-on-Tees, página 7, 2 de outubro de 1915.

e treiná-los a se cuidar em momentos de necessidade”¹⁸. É aí que vemos também o destaque ao caráter educativo dos escoteiros, comentando sobre as várias áreas onde o jovem aprende a lidar com a vida. A parte educacional é a mais importante dentro do Movimento Escoteiro, buscando criar uma pessoa cidadã contribuinte para a sociedade. O modo de educar os jovens era convidativo, com uma notícia abordando como mesmo meninos que fugiam da escola acabavam se juntando aos escoteiros¹⁹.

Impacto da imprensa no escotismo

O escotismo sempre dependeu de divulgação para se expandir e a imprensa ajudou muito nesse sentido. A própria criação do Movimento, com as publicações de Baden-Powell nos periódicos semanais, foi feita nos papéis de jornal britânicos. Foi por reportagens assim que chamou a atenção de pessoas das mais variadas e se espalhou pelo mundo, como é o caso do Brasil. E os periódicos em análise são mais alguns exemplos da atuação da imprensa em divulgar o movimento escoteiro. Um jornal de 23 de janeiro de 1915²⁰ fala brevemente da reunião anual de escoteiros da cidade. Na notícia, é destacada a quantidade sempre crescente de escoteiros e adultos voluntários, mesmo com tantos se alistando na guerra. Outro²¹, de 1917, fala sobre como vários jovens adentraram o Movimento ao ver a atuação e conhecimento dos escoteiros na sua cidade. As várias notícias destacando o escotismo trouxeram a atenção da população britânica para o Movimento, aumentando-o assim de tamanho. Ante o exposto, o que acredito ser de maior impacto na divulgação é a imagem criada. Ainda na sua criação, os escoteiros eram “vítimas” de uma

¹⁸ Autor desconhecido, The Boy Scouts, Northern Weekly Gazette, Stockton-on-Tees, página 33, 28 de março de 1914.

¹⁹ Autor desconhecido, BOY SCOUT MOVEMENT. HOW GOOD CITIZENS AND GOOD CHRISTIANS ARE MADE, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 5, 14 de fevereiro de 1914.

²⁰ Autor desconhecido, WORK OF THE BOY SCOUT. How they have helped to guard the coast, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 2, 23 de janeiro de 1915.

²¹ Autor desconhecido, BOY SCOUTS' CAMPAIGN. INTERESTING DISPLAYS AT MIDDLESBROUGH, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 6, 17 de novembro de 1917.

imagem nem sempre intencional. A visão de um Movimento militarista era muito comum, fortalecido pela expectativa de formar futuros soldados, tal qual a educação prussiana. Baden-Powell ter um passado militar também não colaborou para reduzir essa reputação, por mais que o próprio declarasse repetidamente o caráter pacífico dos escoteiros. No entanto, com o passar dos anos, essa imagem foi gradualmente diminuindo e cimentou eventualmente o caráter educativo de cidadania.

Um jornal de 1914 exemplifica bem essa visão, com o próprio título destacando o papel do Movimento em produzir “Bons cidadãos e bons cristãos”²². A religiosidade foi importante para dispersar os escoteiros pelo país, já que igrejas e capelas possuíam também seus programas de educação onde o escotismo poderia florescer. No entanto, a pouca menção à religiosidade nos estágios iniciais do Movimento atrapalhou essa ação. Além disso, segundo Warren, fortaleceu a imagem de um movimento militarista, com a situação mudando perto de 1910 com a participação crescente de organizações como a YMCA e *Boys Brigade* (WARREN, 1986, p. 388-390). No periódico vemos as consequências dessa aproximação, com o reverendo encorajando outras instituições religiosas a formarem e suportarem financeiramente novos grupos escoteiros.

Em quase todas as notícias mencionadas até agora, o argumento de Andrew sobre o papel subsidiário dos escoteiros é presente. Seja proposital ou não, as constantes notícias sobre como os escoteiros procuram ajudar no *front* interno ou celebrando a educação cidadã destes ajudaram a diminuir a visão militarista que os atingia. Por mais que já estivesse em declínio, segundo Warren, a guerra aparenta ter acelerado essa dissociação com o militar e colocado as virtudes defendidas como não inerentes à vida militar. A disciplina, o destaque ao aprimoramento do físico, a lealdade e o patriotismo pregados pelo Movimento viram assim características que qualquer cidadão deveria ter, soldado ou não. A imagem pública foi muito importante para o crescimento do escotismo. Na sociedade britânica da época, as propostas pregadas por Baden-Powell foram ótimas para agradar vários setores da comunidade. Warren argumenta da presença de valores e uma história militares que agradavam os militaristas, de uma renovada oportunidade de aprendizados espirituais, desejada pelos religiosos, e de uma defesa do desenvolvimento de caráter, a

²² Autor desconhecido, BOY SCOUT MOVEMENT. HOW GOOD CITIZENS AND GOOD CHRISTIANS ARE MADE, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 5, 14 de fevereiro de 1914.

qual os defensores de um ensino cidadão prezavam (WARREN, 1986, p. 388-397). Mas o que mostrou essas propostas para a sociedade foi a divulgação do Movimento e a imagem criada acerca deste, onde a imprensa teve sua principal contribuição.

Considerações finais

O Movimento Escoteiro é a maior organização de educação não-formal do planeta, com milhões de associados, além de ser um dos maiores movimentos voluntários. Os valores que defende desde a sua concepção são ainda hoje muito presentes e almejados pela sociedade. As ideias de Baden-Powell, advindas da sua experiência na África e valores pessoais, criaram uma alternativa para milhões de jovens. Uma forma de aprendizado mais atrativa, substituiu muitas organizações já presentes e nem sempre tão bem-sucedidas, e rapidamente ganhou popularidade e apoio. Além disso, apareceu em um momento oportuno, quando a sociedade britânica procurava uma educação nos moldes da proposta por Baden-Powell.

No entanto, pouco é falado sobre ele no Brasil e em português, em contraste à vasta gama de publicações em inglês nos países anglófonos. Em conjunto com a crescente aceitação de periódicos dentro da academia, julguei importante compreender o papel da imprensa na história do escotismo. O jornal, como principal forma de comunicação de massa da época, com certeza colaborou na dispersão e, por isso, é importante na discussão historiográfica do início do Movimento Escoteiro. Início esse que contou com a passagem da Primeira Guerra Mundial, criando um destaque para a atuação dos escoteiros dentro do *Homefront*. A divulgação do escotismo pela imprensa britânica durante a guerra mostra bem o papel deste como agente secundário, em contraste ao militarismo tantas vezes impresso como capa do Movimento. O apoio a hospitais, fazendas, guardando a costa, entre outros, demonstrou a ajuda de curto prazo que os escoteiros poderiam prestar ao seu país. Já as notícias destacando a formação de cidadão trazem os objetivos de longo prazo imaginados por Baden-Powell, com a criação de adultos atuantes na sociedade, na paz ou na guerra.

Em suma, a presença do Movimento Escoteiro na imprensa mostra como o objetivo educacional e construtivo da organização se manteve central, mesmo em tempos de guerra. A separação entre o passado militar de Baden-Powell e o caráter educativo do escoteiro foi reconhecido pelos praticantes e por observadores. Mesmo em um mundo bem diferente de um século atrás, prestes a entrar em guerra, os esforços de seu fundador e os atos de seus integrantes moldaram uma imagem positiva e não belicosa. E uma das principais ferramentas para a formação de tal imagem era e ainda é a divulgação por meio da imprensa.

Referências

ANDREW, Lucy. “*Be Prepared!*” (*But Not Too Prepared*): *Scouting, Soldiering, and Boys’ Roles in World War I*. *Boyhood Studies*, v. 11, n. 1, p. 47-62, 2018.

BADEN-POWELL, Robert. *Scouting for boys: the original 1908 edition*. Courier Dover Publications, 2014.

CLARK, Christopher. *The sleepwalkers: How Europe went to war in 1914*. Penguin UK, 2012.

KIERNAN, Reginald Hugh. *Baden-Powell*, Londres: George G. Harrap & CO. LTD., 1939

LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

TAI-YONG, Tan. *An imperial home-front: Punjab and the First World War*. *The Journal of Military History*, v. 64, n. 2, p. 371, 2000.

VAN EMDEN, Richard; HUMPHRIES, Steve; *All Quiet on the Homefront*, South Yorkshire: Pen & Sword MILITARY, 2017.

VISENTINI, Paulo F. *A Primeira Guerra Mundial e o declínio da Europa*. Alta Books Editora, 2014.

WARREN, Allen. *Sir Robert Baden-Powell, the Scout Movement and Citizen Training in Great Britain, 1900-1920*. *The English Historical Review*, v. 101, n. 399, p. 376-398, 1986.

Autor desconhecido, BOY SCOUTS' CAMPAIGN. INTERESTING DISPLAYS AT MIDDLESBROUGH, *Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees*, página 6, 17 de novembro de 1917. Disponível em: <https://britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0002976/19171117/147/0006> . Acesso em: 10 de agosto de 2024.

Autor desconhecido, BOY SCOUTS FOR THE FARMS, *Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees*, página 7, 13 de março de 1915.

Disponível em: <https://britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0002976/19150313/190/0007> . Acesso em: 10 de agosto de 2024.

Autor desconhecido, BOY SCOUT MOVEMENT. HOW GOOD CITIZENS AND GOOD CHRISTIANS ARE MADE, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 5, 14 de fevereiro de 1914. Disponível em: <https://britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/BL/0002976/19140214/130/0005?browse=False> . Acesso em: 09 de agosto de 2024.

Autor desconhecido, Scouts on War Service, Northern Weekly Gazette, Stockton-on-Tees, página 7, 2 de outubro de 1915. Disponível em: <https://britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/BL/0003075/19151002/027/0007?browse=true> . Acessado em 20 de junho de 2024, às 15:26.

Autor desconhecido, PATRIOTIC SCOUTS, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 4, 07 de novembro de 1914. Disponível em: <https://britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/BL/0002976/19141107/089/0004?browse=False> . Acesso em: 8 de agosto de 2024.

Autor desconhecido. THE SETTLEMENT. MANY-SIDED AND BENEFICENT WORK AT MIDDLESBROUGH. Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 5, 24 de novembro de 1917. Disponível em: <https://britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0002976/19171124/146/0005> . Acesso em: 10 de agosto de 2024.

Autor desconhecido, WORK OF BOY SCOUTS. 100,000 Doing Excellent Work For Their Country, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 6, 26 de dezembro de 1914. Disponível em: <https://britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/BL/0002976/19141226/120/0006?browse=true> . Acessado em: 08 de agosto de 2024

Autor desconhecido, WORK OF THE BOY SCOUT. How they have helped to guard the coast, Stockton Herald, South Durham and Cleveland Advertiser, Stockton-on-Tees, página 2, 23 de janeiro de 1915. Disponível em: <https://britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/BL/0002976/19150123/024/0002?browse=False> . Acessado em: 08 de agosto de 2024

VINÍCIUS BERTOLO SILVA

OS ESCOTEIROS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA BRITÂNICA EM
TEMPOS DE PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Monografia, apresentada a Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em História.

Brasília, 11 de setembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Bruno Leal Pastor de Carvalho

Universidade de Brasília

Prof. André Pereira Leme Lopes

Universidade de Brasília

Prof. Fernando Guimarães de Souza Fernandes Loureiro

Colégio e Curso Ao Cubo